

Para defender a soberania, temos a tarefa de “produzir alimentos saudáveis, cuidar da vida e da natureza”.

Vem aí mais um material da Associação Nacional de Mulheres Camponesas. Esse folder que ora apresentamos tem como objetivo a formação continuada das mulheres militantes, que na sua luta cotidiana buscam a defesa da vida através da preservação da biodiversidade.

Para a Associação Nacional de Mulheres Camponesas que realiza parceria com o Movimento de Mulheres Camponesas, o cuidado pela capacitação e articulação de suas integrantes é prioridade, pois se tem consciência que a busca pela construção de uma sociedade justa, equilibrada, humanizada e igualitária de concepções e disputa de ideias, sendo muitas vezes necessário mobilizar, e ir para a rua.

O relato das companheiras, através das entrevistas, é expressão da organização e da efetivação do trabalho junto às mulheres do campo. A cada relato percebe-se a alegria, a autonomia e a satisfação da produção voltada para o auto-sustento do núcleo familiar, como também para a comercialização.



A valorização do trabalho da mulher camponesa cada vez mais é visível em nossa sociedade. Porém, muito temos a fazer, pois as forças que destroem, continuam ceifando vidas e destruindo a natureza, provocando dor e insegurança na vida dos camponeses e das camponesas. O poema a seguir reproduz e identifica a situação do modelo capitalista que nos cerca, impedindo a construção uma nação soberania:

Mortes do modelo

As correntes que fazem árvores caírem estão presas a uma engrenagem.

As bombas que sugam incansavelmente as águas dos rios também estão presas à mesma engrenagem.

Os venenos que poluem as terras poluem para a mesma engrenagem.

As balas que ceifam vidas partem desta engrenagem.

E que engrenagem é essa que derruba árvores, que suga os rios, que polui as terras e que ceifa vidas?

Que engrenagem é essa que mutila sonhos, que nos rasga o ventre e que nos impede de viver?

Que engrenagem é essa que tritura povos e encharca a terra com o nosso sangue?

Que engrenagem é essa que faz a Terra chorar em pranto?

É o modelo que concentra terras, que concentra águas e destrói vidas!

É o modelo do monocultivo, da pecuária e das madeiras!

É o modelo dos agrotóxicos, da indiferença e da motosserra!

É o modelo do latifúndio, do agronegócio e das transnacionais!

É o modelo das carvoarias, do trabalho escravo, dos canaviais!

É o modelo dos grandes projetos para o capital!

Plácido Júnior, integrante da CPT – Regional NE II.

Mas isto nos provoca e nos reanima para continuar defendendo a soberania e afirmando que temos a tarefa de “produzir alimentos saudáveis, cuidar da vida e da natureza”.

Produção:

**ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE
MULHERES CAMPONESAS - ANMC**

Secretaria da ANMC
Rua Uruguai, 905 - Apto. 21
Centro
99010-110 - Passo Fundo RS
www.mmcbrazil.com.br

Apoio:



Ministério do
Desenvolvimento Social
e Combate à Fome



Camponesas promovendo soberania alimentar
com a diversidade brasileira



Mulheres camponesas defendem a biodiversidade e a produção agroecológica

Este material tem o intuito de partilhar com vocês, companheiras e companheiros, entrevistas realizadas em alguns dos Estados em que as mulheres estão organizadas. São experiências de Sergipe, Amazonas, Mato Grosso, Alagoas, Bahia, Paraná e Santa Catarina. A defesa da biodiversidade e da produção agroecológica se faz presente por todos os estados e segue o princípio da efetivação de uma soberania e segurança alimentar e nutricional segundo a sabedoria popular.

Sou Ednalva Souza dos Santos, tenho 53 anos, resido no município Povoado Betume-Neópolis/SE. Meus pais e toda a minha família viveram e vivem como agricultores no município de Pedra Furada - Cícero Dantas/Bahia. Muito cedo, já com 2 anos de idade em diante já tínhamos como brinquedo a enxada. Sua finalidade é de aprender a pegar pelo menos no instrumento de trabalho. Sempre ajudei meus pais na lida do campo.

Aos 6 anos eu ajudava meus pais a quebrar a mandioca para levar até a casa de farinha e com 12 anos eu já tinha o pedaço de terra na roça para me manter, ou seja, para comprar roupas a partir daquilo que conseguia produzir.

Residi com minha família até os 14 anos, depois fui viver em Sergipe, onde casei e passei a trabalhar na rizicultura, uma lavoura muito

difícil. Aos 16 anos tive meu primeiro filho, hoje sou mãe de 8 filhos. Atualmente vivemos meu esposo e eu e dois netos e continuamos a lida como camponesas.

O MMC me trouxe coragem de me expressar, dar minha opinião, de resgatar minha cultura, ou seja, minha identidade. Através das oficinas, realizadas pela técnica Maria Calvacante, integrante do MMC, trouxe um despertar para as plantas medicinais, a produção agroecológica e o resgate das sementes crioulas.

Minha preocupação é que tenhamos uma alimentação saudável, para viver melhor e com mais qualidade. Nossa produção é de hortaliças, mandioca, feijão, milho e melancia e banana. Tudo sem agrotóxico, porque os agrotóxicos são como, se nós engolíssemos uma bomba, causando várias doenças. Devido ao uso de venenos meu filho, depois de 8 anos vem sentindo as conseqüências com as doenças que surgem em seu organismo.

Alegro-me diante da fartura da produção sinto satisfação e desejo enorme de poder partilhar com outras pessoas a nossa soberania alimentar. Na maioria das atividades o compromisso é da mulher, contribuindo de 100%, no preparo da terra e no lançar as sementes. Gostaria de dizer que apesar de meus 53 anos gostaria de ter mais saúde, força e disposição para plantar e cuidar ainda mais da terra. Pois, o que se planta, se colhe.

Ednalva Souza dos Santos
53 anos
Povoado Betume-Neópolis/SE

Meu nome é Maria Luciene dos Santos, tenho 48 anos, resido no assentamento do município de Branquinha/AL, há 15 anos. Sou filha de agricultores, trabalhei com minha família até as 14 anos no campo. Fui para cidade e aos 18 anos me casei com Cícero, meu companheiro até hoje o qual sempre trabalhou na roça. Temos 6 filhos, o último é adotado e é um menino especial.

Nosso núcleo familiar atualmente é formado de 5 pessoas. Tenho a alegria de minha mãe viver conosco, ela tem 69 é uma camponesa que me ajuda no dia a dia e que dá exemplo de campesinato. Antes de fazer parte do MMC, trabalhei no sindicato do município, onde contribuí na formação de uma comissão de mulheres dentro do sindicato, hoje só participo do MMC.

Quando conheci o MMC em 2004, mudei muito o meu modo de pensar, claro, eu já tinha uma certa bagagem de conhecimento, mas o movimento contribuiu na luta pela autonomia, no maior cuidado com o meio ambiente e principalmente com o processo de formação, pude identificar o quanto o agronegócio prioriza o lucro e não se importa com a vida das pessoas e do planeta.

A participação no movimento tem contribuído na minha vida e de meu companheiro, pois ele tem mudado a forma de pensar e de cultivar a terra. Hoje, priorizamos a produção agroecológica e a diversidade de alimentos, pois acredito que uma alimentação saudável garante mais saúde e vida para minha família e das pessoas que adquirem nossos produtos na feira.

Em nosso pedaço de chão, cuidamos e cultivamos de tudo um pouco, como: ervas medicinais,

Aos 55 anos, Maria Mendes dos Santos possui um vasto currículo de militância sócio-política. Mas o seu maior orgulho continua sendo o trabalho diversificado de produção vinculada ao campo. Reside na comunidade rural de Pedra Grande, a 7 quilômetros da sede de Pindaí, Maria se destaca no beneficiamento de frutas nativas, junto com outras mulheres da redondeza. Pindaí fica a quase 800 quilômetros de Salvador.

A fruta de maior destaque é um umbu, pois tem muito na região e se adapta facilmente a ambientes

Maria Luciene dos Santos
48 anos
Branquinha/AL



frutas, legumes, aves, suínos entre outros. Tudo isso para nosso consumo e para a comercialização na feira. Neste sentido não usamos agrotóxicos, pois é uma droga perigosa que está provocando muitas doenças e que pode colocar em risco a própria existência humana.

Com a nossa produção me alegro muito, mas ao mesmo tempo, penso nas pessoas que não tem nada, que passam fome, pois isso acontecia comigo antes de ter a terra para produzir.

Preparo a terra com carinho, colocando folhas, adubo orgânico e outros produtos naturais, mas quando a terra é fértil não precisa colocar nada.

Nossa luta, nossa organização ou movimento deve continuar, ou seja, temos muito ainda a conquistar nas questões de soberania alimentar, na produção diversificada e na campanha contra o uso de agrotóxicos. Minha preocupação é em relação às sementes, nossa região sempre usou muito veneno e hoje, sentimos dificuldade de cultivar o feijão, o milho e outros. Percebo que as sementes têm dificuldade na hora da germinação. O que tem nos ajudado é o plantio no sistema agrofloresta.

Participo de uma feira agroecológica, organizada pelo MMC desde 2007. A feira é uma organização que tem dado certo, ela acontece uma vez por semana no município de Messias/AL.

Muitas coisas mudaram na minha vida, posso afirmar que sou uma camponesa feliz por fazer parte do MMC e de contribuir com outras mulheres a pensar diferente, olhar diferente a realidade e viver diferente para fazer a diferença. Companheiras, um abraço!

com pouca água. Mas também se aproveitam outras como siriguela, manga e acerola. Com frutas na mão, Maria produz doce, geléia, suco e polpa. Essa produção é vendida em feiras de economia solidária, eventos e exposições.

Esse trabalho Maria realiza sozinha ou com outras mulheres, a depender da qualidade de frutas disponíveis. Os grupos se reúnem periodicamente para o trabalho coletivo. O resultado é repartido igualmente para todas, às vezes antes outras depois que o produto é vendido.

Maria Mendes dos Santos
55 anos
Pindaí/BA

“Na época do fruto, as mulheres se juntam para produzir e depois dividem o resultado” – comenta.

Todos os alimentos são produzidos seguindo cuidados com a higiene. O objetivo é garantir a qualidade de cada produto. Após o processamento tudo é devidamente condicionado potes e garrafas de vidro. Também há o cuidado para a produção de rótulos que identificam o conteúdo e sua validade.

Além do beneficiamento de frutos, Maria e sua família também produzem em sua pequena terra: feijão, milho, mandioca e hortaliças para o próprio consumo; palma para alimentar os animais; e cria alguns animais como porco e galinha. Outra fonte de renda é a apicultura. O beneficiamento das frutas e a produção agrícola são fontes importantes de renda para a família e ajudam a completar os recursos vindos de outros trabalhos. “Sempre plantei e vou continuar plantando” - revela.

Em 1986 que Maria Mendes ingressou no Movimento de Mulheres Camponesas – MMC. A partir desse movimento, Maria e suas companheiras iniciaram o trabalho de beneficiamento das frutas. O Movimento é organizado em rede nos níveis nacional, estadual e municipal. Na região, as experiências de maior destaque estão no município de Caetitê e Riacho Santana. Nesse locais, segundo Maria, os grupos organizados de mulheres já negociam a venda de seus produtos para o abastecimento da merenda escolar.

Além da atuação no MMC, Maria tem passagem em outras organizações de luta social. Já atuou como mobilizadora da pastoral da Criança. No sindicato dos trabalhadores Rurais de Pindaí ocupou cargos de diretoria, inclusive a presidência. Além disso, também presidiu a associação da comunidade.

Maria reconhece que é difícil conciliar o trabalho produtivo com a militância sócio-política, mas diz que não há razão para fazer uma coisa sem a outra. Por isso, nunca parou de plantar. “O movimento é uma das razões para plantar mais; é movimento de mulheres camponesas, o nome já diz que a gente tem que ter relação com a terra” – ressalta. Hoje Maria já não ocupa cargos de grande liderança. “Se um faz sozinho, os outros se acomodam. Então temos que dar espaço para outros; para eles se virarem também” – reflete como uma líder consciente de seu papel. Apesar disso, nunca se afastou nem do trabalho no campo, nem das atividades sócio-políticas.



Lucimar Margarete Roman
48 anos
São José do Cedro/SC

Meu nome é Lucimar, sou filha de agricultores, nasci em São José do Cedro, sempre trabalhei na agricultura e tenho três filhos.

Faço parte do MMC e ele tem contribuído no despertar para um novo projeto de vida. Tive oportunidade de participar de formações para adquirir novos conhecimentos dos direitos das mulheres camponesas. O Movimento tem me ajudado na formação e na informação sobre a importância da produção agroecológica, como cuidar da terra, com adubação verde, controle de insetos. Outra prioridade é o conhecimento das plantas medicinais, quais são as plantas amigas e inimigas e que é possível fazer o consórcio das plantas.

A diversidade de alimentos é importante para termos mais saúde, pois o nosso organismo precisa de diversas vitaminas e proteínas que tem nos cereais, sementes, raízes, folhas de hortaliças e frutas.

Nós procuramos produzir um pouco de tudo como: frutas, legumes, hortaliças, aves, suínos e bovinos e seus derivados. Tudo isso é para o sustento da família e para comercialização. Nossos produtos são orgânicos, livres de veneno e produtos químicos. São saudáveis e fazem bem a saúde. O uso de agrotóxicos é um assassinato a natureza, poluindo os rios e nascentes, acabando com o controle natural, pois a natureza é soberana e ela mesma faz seu controle. Para uma boa produção é necessário o cultivo do solo, por isso utilizamos adubação verde.

Onde tem produção orgânica à participação da mulher é maior, ela percebe a necessidade de uma alimentação saudável. Sinto-me realizada com o trabalho camponês quando percebo que há fartura para partilhar com a família e com as companheiras. Percebo ainda que há necessidade da ampliação da produção orgânica e que nós mulheres camponesas, temos que nos encorajar nessa luta e mostrar o que sentimos em relação à produção química, que está destruindo nossa alimentação e vai acabar nos envenenando por completo, enfim, vai destruir toda espécie de vida existente no planeta.

A produção agroecológica é essencial para a saúde, melhora a qualidade de vida e a alimentação é mais saborosa

Meu nome é Valeria Henkes Marcolini, tenho 51 anos, resido na Comunidade Linha Esperança, município de Terra Nova do Norte-MT. Sou natural do Rio Grande do Sul, mas me criei no estado do Paraná, aos 20 anos fui com a família para o Mato Grosso, com a promessa de que aqui teria uma vida melhor. Meus pais, sempre viveram da terra, passaram a viver na cidade, por motivos de doença, pois no campo o acesso à saúde pública é mais difícil.

Valeria Henkes Marcolini
51 anos
Terra Nova do Norte/MT

Fui para o norte do estado, onde me casei e tive meu primeiro filho Edson, hoje com 27 anos. Logo nos mudamos para Várzea Grande cidade vizinha da Capital, lá nasceram Edna que tem 24 anos e Jefferson com 18 anos.

Quando eu morava na cidade sempre cultivei o sonho de voltar a morar no sítio. Em 2004 consegui comprar uma terrinha no município de Terra Nova do Norte.

O MMC me ajudou muito. Antes eu tinha vergonha de falar em público, hoje me sinto mais à vontade, conheci muita gente, fiz muitas amizades. Na convivência com as companheiras tive a oportunidade de conhecer as mais diversas histórias de vida. A partir das formações do MMC, aprendi a fazer receitas de caldas, inseticidas, a troca de semente e a troca de mudas. A

socialização de experiências é fundamental para o trabalho no campo. Tive a oportunidade, através das oficinas de artesanato, de aprender a fazer diversos artesanatos, que hoje embelezam minha casa.

O MMC ajudou a lembrar aos camponeses que pra produzir não há necessidade de uso de agrotóxicos. Antigamente não precisava usar veneno, porque que agora precisa. Introduziram isso na cabeça dos agricultores, sabemos, porém, que não estão pensando na saúde dos camponeses, mas no lucro que terão com a comercialização dos venenos. Com o movimento reaprendemos a cultivar sem o uso de agrotóxicos. Aprendi muitas receitas, modos de cultivar e de cuidar da terra. Vemos que não é difícil, nem impossível, que da certo. Apesar do companheiro dizer que não daria certo.

O objetivo principal é o sustento da família, quando há grande quantidade de um produto comercializo. Nossa produção se baseia em frutas, legumes, apicultura, carnes e variados do leite. Minha maior alegria é poder dividir a produção com os vizinhos.

Na preparação da terra, para o plantio, utilizo adubo orgânico, adubo folhar que eu mesma preparo, busco terra do mato. Quanto as semente, procuro utilizar sementes crioulas, mas sinto dificuldade na conservação das mesmas.

A partir de minha participação no MMC, conheci muitas pessoas, construí verdadeiras amizades, conheci outros lugares e principalmente, aprendi a me valorizar como mulher camponesa. Gosto muito de participar do movimento.

Nós só queremos ter condições de vida em abundância neste planeta!

Meu nome é Ivaneide Soares Frota, tenho 57 anos, resido na estrada do Brasileirinho, Km 08 – Uberê – Manaus Amazonas. Sou filha de camponês, tenho 4 filhos e trabalho até hoje na agricultura. Atualmente vivemos meu esposo e eu na área rural, os filhos/as moram na cidade e possuem outra forma de trabalho.

Conheci o MMC por meio da Comissão Pastoral da Terra – CPT. Fiz a primeira formação através do projeto “planta medicinal”, que aconteceu em dois encontros estaduais. A partir desses encontros desencadeou-se um processo de trabalho com as mulheres da região. Através das formações adquiro maior conhecimento de meus direitos, percebo com maior clareza as situações de exploração e ainda posso ajudar as mulheres da minha comunidade. De fato o MMC despertou em mim mais vontade de viver.

Em relação à produção agroecológica, costumo falar que sempre produzimos nossos alimentos dessa forma, pelo fato de não utilizar produtos químicos que venham a causar mal à nossa saúde e ao meio ambiente. Agora, é claro que eu não tinha esse entendimento. O MMC contribuiu muito através das formações sobre agroecologia, soberania alimentar... Hoje até as nossas galinhas são agroecológicas...! (Risos).

Acredito que a diversidade de alimentos não é só importante para a nossa saúde, como é fundamental para a saúde da terra. Imagina você ver a sua mesa com várias opções de alimentos, e sua roça com várias opções de produtos; eu me sinto orgulhosa em ver a mesa farta e com diversidade de alimentos. É importante ressaltar que quem produz seu próprio alimento pode escolher o que quer comer. Uma roça com produtos diversificados contribui para uma melhor comercialização e o rendimento econômico é maior. Penso que a agricultura familiar, na produção de alimentos saudáveis, desempenha uma função importante para toda a sociedade, pois alimentos saudáveis tem por consequência uma vida mais saudável. Precisamos acreditar mais na produção agroecológica, através do incentivo aos pequenos agricultores.

Na nossa propriedade, trabalhamos com diversidade de frutas, legumes, criação de frangos e ervas medicinais. São alimentos saudáveis, pois não usamos nenhum tipo de agrotóxico. Os agrotóxi-

Ivaneide Soares Frota
57 anos
Uberê - Manaus/AM



cos foram a pior invenção do homem no mundo. Eles, os agrotóxicos, são pragas, são doenças...! Além de estarem matando os seres humanos estão destruindo a terra, a água, ou melhor, estão matando a natureza.

Meu Deus! Quando vejo fartura na produção, sinto uma felicidade tão grande, minha vida se enche de alegria. Se tivermos fartura na produção é porque o nosso trabalho foi bem feito e isso nos enche de orgulho, afinal, é o fruto do nosso trabalho. Por isso, afirmo que alimentos frescos e saudáveis resultam em uma boa alimentação e uma boa saúde.

As mulheres são fundamentais no processo de organização da produção agroecológica. A mulher cuida do espaço produtivo com toda dedicação porque sabe, que a partir dele, o sustento familiar estará garantido.

Na preparação da terra para o plantio utilizo adubos orgânicos, fertilizantes naturais... Com relação às sementes sempre seleciono as melhores para utilizar no próximo plantio. Uma das grandes dificuldades que enfrentamos em nossa região, são as práticas de queimadas. É um desafio que precisamos, com urgência, superar.

Procuro trabalhar sem gerar grandes impactos ambientais e tento colocar a minha produção no mercado com preços que valorizem o meu trabalho, mas esse é um fator que não está nada fácil. Para finalizar gostaria de dizer que se os nossos governantes olhassem com maior comprometimento os pequenos produtores, oferecendo assistência técnica, financiamentos compatíveis com a realidade, espaço de comercialização. Desta forma, teríamos menos pessoas migrando para a cidade.



Somos protagonistas da nossa história



Meu nome é Sandra Marli da Rocha Rodrigues, tenho 32 anos, pertencço ao município de Bom Jesus do Sul, Paraná. Sou filha de Ivo e Nilda da Rocha de família camponesa. Vivi até os 18 anos no campo, do qual saí para estudar, pois não havia possibilidade de cursar o ensino médio no interior. Morei dois anos em Salgado Filho, onde me casei com Jandir Rodrigues. Mudamos para Medianeira, em busca de trabalho, mas nós tínhamos como projeto de vida voltar para o campo para trabalhar na terra. Como o meu companheiro trabalhava no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Medianeira, mantivemos um vínculo com a agricultura.

Em 2001 conheci a OMTR (Organização de Mulheres Trabalhadoras Rurais) do Paraná e também a ANMTR (Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais), comecei a participar das reuniões e cursos de formação, onde me auxiliou no debate sobre a agricultura e agroecologia. Foi aí então que nossa intenção de voltar para o campo tornou-se cada vez mais forte. Participamos intensamente do processo de unificação do movimento autônomo que consolidou o MMC-Brasil, em 2004.

Começamos a concretizar nosso projeto de retornar às raízes em 2005 após o nascimento de nossa filha Assucena. Com o desejo de

poder proporcionar uma vida mais saudável para nossa família, mudamos para o interior de Bom Jesus do Sul, onde conseguimos comprar uma pequena área de terra, na qual começamos a pôr em prática os conhecimentos adquiridos nos cursos de formação do MMC, em parceria com outros movimentos e entidades. Vivemos em três na nossa unidade de produção e vida familiar camponesa.

Através da militância no MMC aprendi que somos protagonistas de nossa história. Pude entender a complexidade das relações sociais, políticas, econômicas e culturais que permeiam nossas vidas e famílias, bem como, a exploração das mulheres e da classe trabalhadora na sociedade capitalista patriarcal em que vivemos.

O MMC ajudou muito, pois foi através dele que compreendi a importância da produção agroecológica, não só para nós seres humanos, mas também para a preservação da biodiversidade. A diversificação da produção é muito importante, porque além de garantir uma alimentação de maior valor nutritivo, também nos dá mais independência do mercado, ou seja, contribui para nossa autonomia econômica.

A recuperação do solo e o cuidado com a produção de alimentos estão entre os objetivos que fundamentam nossa vida. Estamos em processo de implementação de uma agrofloresta, que aumentará significativamente a diversidade da produção e o equilíbrio do meio ambiente. Essa implementação se dará através da ASSESOAR (Associação de Estudos Orientação e Assistência Rural), que é uma parceira no debate e nas práticas agroecológicas.

Em nosso pedaço de chão produzimos hortaliças, legumes, cheiro verde, plantas medicinais, feijão, mandioca, milho, frutas, leite e derivados; consumimos do que produzimos, e comercializamos o excedente. No caso dos

derivados do leite, produzimos queijo, manteiga e doce, somente para o consumo da família, comercializando apenas leite e nata.

A relação entre a produção e a saúde é muito grande, pois temos consciência de como foram cultivados os alimentos que são a base de nossa alimentação, primando pelo consumo de produtos saudáveis e pelo equilíbrio da natureza. Usamos homeopatas, nas plantas, nos animais e para a família toda.

O uso de agrotóxicos além de causar diversos problemas à saúde, contaminação das plantas, da terra e da água, causa desequilíbrio no ambiente e dependência das empresas transnacionais, que iludem os/as camponeses/as com a promessa de mais lucro. Eles não revelam que os prejuízos causados aos seres humanos e ao planeta, são, na maioria das vezes, irreversíveis, não compensando o possível lucro gerado.

Sabemos que a agricultura familiar camponesa precisa manter a juventude no campo para a continuidade da produção de alimentos saudáveis com os princípios da agroecologia, por isso precisamos reconstruir a identidade de camponesa, valorizando a produção diversificada e saudável.

As mulheres têm um papel importante na produção agroecológica, no cuidado com as sementes, no preparo de insumos orgânicos, na preservação da biodiversidade, na preparação dos alimentos. Nosso desafio é tirar da invisibilidade essa contribuição histórica das mulheres e resgatar o valor social do trabalho feminino, além de potencializar a participação das mulheres na comercialização dos produtos, fator em que a opinião feminina ainda é pouco reconhecida.

Em nosso empreendimento agroecológico, preparamos a terra com produtos orgânicos, cobertura verde, compostagens, pó de pedra, cinza e algumas homeopatas. Usamos semen-

Sandra Marli da Rocha Rodrigues

32 anos

Bom Jesus do Sul/PR

O maior sentimento é de satisfação e alegria, porque além de produzir para o nosso consumo, estamos oferecendo para os/as consumidores/as alimentos saudáveis, que vão contribuir na promoção da saúde.

tes crioulas e da Bionatur, sendo que um dos limites é a dificuldade de autosuficiência da unidade de produção familiar na produção de sementes, sendo necessário comprar as mesmas. Também fazemos a peletização das sementes em casa o que contribui para a sanidade da semente e das plantas após a germinação, diminuindo assim o ataque de doenças e de insetos.

Penso que a soberania alimentar passa pela diversidade da produção, pelo incentivo, principalmente por parte do poder público, à produção agroecológica, pelas feiras diretas, pelas redes de comercialização, pela valorização dos produtos locais e regionais, dos costumes e hábitos alimentares dos povos.

Nós precisamos urgentemente rever nossa relação com a mãe Terra, que já não aguenta mais tanta exploração. Precisamos fortalecer as lutas por novas relações entre as pessoas e destas com a natureza, forjando, na prática cotidiana, a transformação da sociedade.

